

# Bataille: condição humana e literatura

Bataille: human condition and literature

**Rita de Paiva**

Universidade Federal de São Paulo

## RESUMO

Este artigo procura explorar o modo pelo qual, segundo Georges Bataille, o humano garantiu sua persistência ao submeter-se à tensão entre a transgressão e o interdito e ao esquivar-se da sujeição plena à violência e ao desejo de aniquilamento. Em seguida, visa destacar o modo pelo qual a criação artística e o ato literário constituem atividades que nos possibilitam uma realização oblíqua e indireta deste desejo que subsiste e pulsa intensamente em nós. Sob a perspectiva deste autor, a arte e a literatura vêm ao encontro do nosso mais profundo anseio de felicidade: a superação das identidades fixas, a fusão com o ilimitado.

## PALAVRAS-CHAVE

Filosofia, Homem, Literatura, Descontinuidade, Criação.

## ABSTRACT

This paper intends to explore the manner in which, according to Georges Bataille, the human beings ensured their endurance by subjecting themselves to the tension between transgression and forbidden, and by avoiding total subjection to violence and subjection to the desire for annihilation. It also highlights the way in which the artistic creation and the literary approach together, enable us to fulfil an oblique and indirect achievement of this desire, which remains and pulsates intensively inside us. Under this author's perspective, arts and literature come towards our deepest longing for happiness: the surpassing of fixed identities, the fusion with the boundless.

## KEY WORDS

Philosophy, Human Being, Literature, Discontinuity, Creation.

## 1. O excesso no âmago do humano

O sentimento de uma existência subjetiva é coextensivo à nossa condição de seres incompletos e fragmentários, e sem ele uma consciência pensante não se estabelecerá. Não obstante, essa singularidade determinante de nossa condição não impede que nas dimensões mais íntimas de nossa “vida anímica” pulse um anelo profundo pela superação desse estado. As situações em que essa dimensão oculta em nós se explicita, pontua Bataille, coincide com os momentos em que a vida transborda em intensidade, ou seja, com a experiência erótica, que aflora nas condutas que se põem no encalço de um objeto ou de uma significação cujo alcance proporciona ao sujeito não o eclipse pleno de sua subjetividade, mas um movimento que se aproxime disso. Daí a enigmática abertura de um dos seus mais importantes textos: “Do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte.” (Bataille 2014, p. 35)

Mas o que seria exatamente essa experiência em que a vida, alçada ao cume de sua exuberância, a um só tempo se confunde com seu contrário e revela o que nos constitui mais intimamente? Responder a essa interrogação implica tomar como parâmetro o fato de que não é no campo da lógica ou dos fins razoáveis e compensatórios que o homem entra em contato com a verdade do seu ser; antes, é exclusivamente num movimento passional, numa experiência de puro dispêndio, que transtorna e acena com a desfiguração dos limites subjetivos, que se lhe abre a via para o conhecimento pleno de si mesmo.

Nesse sentido, considera Bataille, no âmago de toda subjetividade viceja não a tendência para os sistemas fechados, coerentemente administrados com seus cálculos justos, ainda que estes tenham, com efeito, a sua relevância no que concerne aos quesitos ligados à nossa sobrevivência; inversamente, o que pulsa com vigor no cerne de cada um de nós é uma tormenta, uma força indômita e desmesurada que anela com frenesi por seu livre escoamento e só pode prevalecer com o sacrifício da lógica produtiva e dos critérios da eficácia. Uma vez tomados por essa energia passional, já não direcionamos nossos intentos para a posse e o acúmulo de recursos ou de conhecimentos, nos empenharemos no gasto descompensado de nossas forças, entregamo-nos à ruína e à desordem, perseguimos o desequilíbrio. Decerto, não há conciliação possível entre a vida organizada e o caráter voluptuoso desse movimento que nos anima. Em um de seus ensaios, Bataille assevera: “A vida propõe ao homem a voluptuosidade como um bem incomparável — o momento da voluptuosidade é resolução e deslumbramento; é a perfeita imagem da felicidade.” (Bataille 2008, p. 82) Ou ainda, em *O erotismo*: “A volúpia está tão próxima da dilapidação ruinosa que chamamos ‘pequena morte’ o momento de seu paroxismo.” (Bataille 2014, p. 197)

A assunção de que há em nós essa tendência para uma felicidade voltada unicamente ao desperdício ilimitado de energia, a uma perda ou ao sacrifício gratuito de si, não é algo que se efetue com muita facilidade. Pode acontecer, como mostra Bataille em *A noção de Despesa*, que um homem esclarecido sinta em si mesmo esse excesso, enquanto uma energia que o devasta e o extravasa; mas, do alto de sua lucidez, no mesmo processo em que nutre seus atos com essa força desmedida, só logra ver nela algo de negativo, uma espécie de doença que contradita todo o critério de utilidade. O sujeito que assim avalia se instaura na profunda clivagem existente entre as formas de pensar e sentir socialmente convencionadas e certas urgências que latejam não apenas em todo ser humano, mas no seio da própria cultura. Essa incompreensão nos condena a uma espécie de minoridade, uma vez que a positividade das obras e dos atos humanos, bem como da organização social em seu conjunto, é entrevista unicamente nos procedimentos racionais associados ao consumo necessário, com vistas à produção ou aos propósitos da acumulação. Prevalece, pois, insiste Bataille, uma ignorância generalizada no que concerne à nossa própria condição; escapa-nos o fato de que se somos seres dotados de razão, capazes de viver em prol de fins eficazes e racionais, pois somos também regidos por uma vertiginosa necessidade de dispêndio isenta de todo e qualquer sentido compensatório.

Decerto, com esses argumentos, o filósofo não ergue a bandeira em prol da irracionalidade e da dissolução da organização social calcada em princípios lógicos; o que ele evidencia é que por mais que elejamos a conservação, a produção e aquisição de bens, ou tudo o que se ajusta à etiqueta da utilidade como norte inequívoco da existência humana, a necessidade de pura exuberância nos perpassa e transborda esses fins, revelando que não nos esgotamos na condição de seres voltados para propósitos instrumentais ou fins cumulativos. Parâmetros que, se fossem unívocos, nos reduziriam a uma existência miserável, porquanto nos escaparia a dimensão do que somos, ou seja, o fato de que a nossa intimidade mais subterrânea e virulenta — aquela que nos dá a experiência da vitalidade radical —, “a viagem ao término do possível do homem” (Bataille 1992, p. 15) só se manifesta com a liberação de energias desmedidas. Com efeito, algo excede, em nossa interioridade, e vem negar o que sob a égide dá razão e da ordem alicerça nossa humanidade. O texto nos instrui: “há em nós momentos de excesso: esses momentos colocam em jogo o fundamento sobre o qual nossa vida repousa; é inevitável para nós chegar ao excesso em que temos a força de colocar em jogo o que nos funda. É, muito pelo contrário, negando tais momentos que desconheceríamos o que somos.” (Bataille 2014, p. 195)

Essa força soberana cujo intuito consiste unicamente em dissipar-se para além de qualquer medida ou cálculo foi denominada por Bataille *despesa improdutivo*. Noção que nos remete de pronto à sua análise da experiência erótica, a qual exige de nós esse gasto desinteressado, livre de todo cálculo e de toda utilidade. O horizonte para o qual essa energia nos impulsiona é o da vida em seu paroxismo que, na sua veemência mais radical, irmana-se com seu contrário. Daí decorre que o dispêndio solicitado pelo erotismo, contrariando toda a lógica dos custos e benefícios, aponte para o dilaceramento do sujeito ou para a subjetividade do não sujeito. Bataille enuncia: “A conduta erótica se opõe à habitual assim como o gasto à aquisição”. (Bataille 2014, p. 197) Aproximemo-nos com mais acuidade dessa conduta essencial do humano tal como fundamentada pelo autor.

Conquanto possamos conviver e nos comunicar com os outros, observa o filósofo em *O erotismo*, a separação entre um sujeito e seus semelhantes é visceral e não pode ser transposta. Estamos condenados à solidão, separados uns dos outros; uma angústia assim aflora: “Sofremos de nosso isolamento na individualidade descontínua.” (*Ibid.*, p. 44) Não obstante, essa condição fragmentária é perpassada por um anseio que a contradiz, algo em nós aspira à continuidade, e deseja o mergulho num todo unitário, o que extingiria o abismo da separação que nos circunda. Na verdade, o isolamento só não é de todo insuportável, adverte o filósofo, porque adivinhamos a sua universalidade. Mais precisamente, sabemos que é comum a todos os homens a condição de seres separados que ardem pela união com o todo, como se fosse possível atualizar um estado de unidade que estaria na origem dos seres e no qual tudo se mescla e se confunde sem interrupções. O texto é contundente: “Acontece que podemos em comum sentir a vertigem desse abismo. Ele pode nos fascinar. Esse abismo em certo sentido é a morte, e a morte é vertiginosa, fascinante.” (*Ibid.*, p. 37)

Destarte, se nos voltamos para a afirmação inicial de *O erotismo*, compreendemos que a experiência da vida em sua intensidade máxima só se consoma com o sentimento de perda na continuidade; o seu preço é o aniquilamento do que nos constitui enquanto sujeitos solitários, porém capazes de alguma lucidez. Assim, nosso desejo mais veemente, que consiste em superar a condição de fragmento, exige uma espécie de retorno a uma continuidade perdida, com a necessária supressão de consciência individualizada. A nostalgia talvez de um instante ímpar de nossa era embrionária insere na ordem natural, ou da imagem que falta aos homens, aquela de uma cena primitiva, coincidente com um todo informe do qual eles próprios teriam surgido e ao qual anseiam retornar, como sugere a leitura de Pascal Quignard (1996). Numa palavra, enquanto seres descontínuos, portamos no mais subterrâneo de nós mesmos o anseio por essa plenitude originária, índice

da vida intensa que a condição descontínua nos obsta.

Esclarece-se assim a identidade profunda entre a morte e o ápice da vitalidade, pois ambas nos propiciariam uma inserção na heterogeneidade contínua do ser. (Bataille 2014, p. 45) Nesse sentido, o erotismo nos acena com a imagem que vem suprir a falta que sela nossa condição, a saber, a impossível inserção na continuidade. Eis o seu segredo oculto, advoga Bataille. A atividade sexual, para além da reprodução ou do sexo puro e simples, bem como certas vivências religiosas que nos põem em contato com o sagrado, são emblemáticas nesse sentido: implicam uma convulsão interior, o desconfigurar das identidades fixas. Ademais, atualizam a fantasia da fusão com o todo, cujo encantamento advém do sentimento de continuidade que se enlaça com a morte e norteia as experiências eróticas sejam elas ligadas aos corpos, aos corações, ao sexo.<sup>1</sup> Afinal, apenas a morte realizaria nosso profundo desejo de exuberância de vida ou de voluptuosa felicidade. Numa palavra, só a perda importa. Algumas citações são elucidativas: “para nós que somos seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser”; “somos indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida.” (*Ibid.*, pp. 37-39)

Não obstante, o que fascina também apavora. Quanto maior o gasto no prazer e na felicidade, mais nos exaurimos, maior é o grau de debilidade a que sucumbimos. Aquilo que poderia contemplar integralmente nossa nostalgia só se consumaria sob o signo de uma violência aterradora, imprescindível para a dissolução exigida pelo mergulho na continuidade. Certamente, é uma experiência de sofrimento que assim vislumbramos, ainda que a dor a ela intrínseca constitua o fundo de uma alegria intensa<sup>2</sup>. Essa violência, uma vez consumada em seus extremos, ceifaria a possibilidade de perseverar na existência, expectativa fortemente nutrida pelos seres descontínuos que somos. Por conseguinte, o erotismo está intrinsecamente ligado a índices variáveis de violência e à perturbação que dela provém; cumpre que o ser constituído — ou o humano — seja violado ou destruído para que seu estado se transmude por completo. (Altberg 2014) Segundo Bataille, o sentimento

---

1 É elucidativo o comentário de Eliane R. Moraes: “No limite, o movimento do erotismo tem sempre o mesmo fim, implicando uma convulsão interior, não importa se motivada pelo desejo sexual, pela paixão amorosa ou pela fé religiosa. Trata-se de violar a integridade dos corpos, de profanar as identidades definidas, de destruir a ordem descontínua das individualidades, enfim, de dissolver as formas constituídas. Trata-se, em última instância, de ignorar a oposição entre os domínios de Eros e Thanatos, para aceder ao caos da continuidade: ‘o sentido último do erotismo é a fusão, a supressão do limite’”. (Moraes 2014, p. 311)

2 “É a possibilidade da alegria que é o fundo do sofrimento do erotismo, e se acredito que o erotismo está ligado à morte, não é porque a morte introduz nele uma tristeza, é porque é o domínio da morte sobre o erotismo que o nega profundamente.” (Bataille 2014, p. 319)

proporcionado por essa violência, quando ela advém, transborda em nós de tal forma que termina por ofuscar os limites que chancelam nossa condição, de sorte que, embriagados e inebriados pela possibilidade de inserção no ser incomensurável no qual tudo se amalgama, superamos o terror da finitude e vislumbramos na morte o elo da continuidade. O texto elucidado: “Toda operação do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece. [...] Então, nos é dado o poder de abordar a morte face a face, e nela ver enfim a abertura à continuidade inteligível incognoscível, que é o segredo do erotismo, e cujo segredo apenas o erotismo traz.” (Bataille 2014, p. 47) É necessário, pois, que uma violência interior se opere para que possamos adentrar o impossível. E essa violência aflora na atitude erótica, revelando uma força desmedida que nos constitui e cuja meta não é outra senão a vida no auge de sua intensidade. Explica-se assim, como nota Altberg, que o erotismo “vincule-se de certa maneira ao vício, à mácula, portanto ao mal.” (Altberg 2014, p. 58); ou, no dizer de Bataille: “O erotismo, em princípio estéril, representa o mal e o diabólico.” (Bataille 2014, p. 257)

O filósofo (e literato) pondera, no entanto, que se a destruição e a violação são imprescindíveis à plenitude dessa experiência, no âmbito do erotismo genuíno seu índice de gravidade não apenas não é fixo, como não pode ser absoluto. De fato, as experiências dessa natureza não primam pela persecução do total abandono de si ou da queda na dissolvência extrema. Trata-se, antes, de um flerte fascinante, com a superação de nosso estado, no qual um forte retesamento se impõe e vem desordenar o sentido da condição descontínua. Processo que não deve deflagrar a supressão última do sujeito: “esse desejo de soçobrar, que fustiga intimamente cada ser humano, difere, entretanto, do desejo de morrer, por ser ambíguo: é o desejo de morrer, sem dúvida, mas ao mesmo tempo o desejo de viver, nos limites do possível e do impossível, com uma intensidade sempre maior.” (*Ibid.*, p. 266) Destarte, nas experiências eróticas o desvario com o sentimento de perda no excesso e de fusão com o todo aguça em nós um anseio voluptuoso de felicidade, mas cujo clamor só cessaria por completo com a destruição plena de nossa existência fragmentada. Não obstante, para que a procura desse mergulho na continuidade tenha lugar, cumpre que esse processo não seja de todo nefasto e que a morte não prevaleça: “no erotismo, menos ainda do que na reprodução, a vida descontínua não é condenada [...] a desaparecer. [...] Trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz.” (*Ibid.*, p. 43)

A rigor, é sempre sob o limite de uma contenção que podemos vislumbrar o solo concreto em que nossa individualidade descontínua se enraíza, bem como o excesso aterrorizante que nos constitui e é para nós absolutamente sedutor. Processo em que uma ameaça à vida se insinua com veemência, mas não a suprime de fato, uma vez

que as condutas que levariam à total evasão dos contornos que nos definem atêm-se à condição de esboço. Dito de outro modo, em tais experiências, a forma em que o sujeito se configura não desvanece por completo, mas a desestabilização por ele sofrida oferece o sentido das atitudes que conduziriam ao ápice de positividade, a nenhuma falta, mais diretamente, ao aniquilamento. O que assim se desvela é o impossível subjacente a essa empreitada, porquanto a consumação última da dissolução por meio da qual adentraríamos a heterogeneidade indistinta do ser também eliminaria a tensão fundadora dessa experiência, de sorte que ela não poderia ser vivenciada.<sup>3</sup> O elemento da destruição pertence à experiência erótica; é inegável que ela se confunde com a violência que visa a supressão do sujeito; mas é igualmente inegável que essa violência não pode ser ilimitada.<sup>4</sup> Nessa senda, pontua Bataille, o erotismo atua como um sinal que se atém a revelar o que a vida social e ordenada do cotidiano empenha-se em encobrir e nos induz a esquecer, a saber, as forças soberanas que em nós clamam pelo salto na continuidade. Trata-se de uma dimensão intensa de nossa experiência interior, a qual acena a uma só vez com um transbordamento de felicidade e com a mais terrível das angústias. Afinal, essa é a circunstância em que a dissolução do que somos se põe em questão pela própria consciência.

## 2. A cumplicidade entre o interdito e a transgressão

Essa experiência do excesso é imanente; mas, sem o refluxo ou a resistência ao clamor vertiginoso da violência que ecoa em nosso íntimo, a sobrevivência dos seres descontínuos estaria ameaçada, e a organização da sociedade não se delinaria,

---

3 Sem dúvida, no erotismo tal como vivido nas experiências do sacrifício religioso leva à morte de um ser vivo, humano ou não, mas a tensão se mantém no que concerne aos outros participantes que ao assistirem a morte violenta acompanham a ruptura com a descontinuidade sem que se submetam à própria aniquilação: “No sacrifício não há apenas desnudamento, há imolação da vítima (ou, se o objeto do sacrifício não é um ser vivo, há, de qualquer maneira, destruição desse objeto). A vítima morre enquanto os assistentes participam de um elemento que sua morte revela. Esse elemento é o que podemos nomear [...] o sagrado [que] é justamente a continuidade do ser revelada aos que fixam sua atenção, num rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo”. (Bataille 2014, p. 45)

4 Em sua referência aos romances do Marquês de Sade, Bataille enfatiza que o autor realiza imaginariamente a consumação ao absoluto dessas atitudes que culminam no assassinato e na destruição do sujeito. No entanto, essa efetivação da dissolução não eleva o grau do erotismo. Isso porque o que conta é a fascinação com a morte e não a sua realização concreta. Nesse caso, sustenta Bataille, a versão que Sade produz do erotismo é ruínosa: “O fato de que, em seus romances, o marquês de Sade define no assassinato o ápice da excitação erótica tem apenas esse sentido: levando às últimas consequências o movimento esboçado que descrevi, não nos afastando necessariamente do erotismo. [...] A aberração excede esse possibilidade. Ela tenta um pequeno número de seres, e por vezes, há aqueles que vão até o extremo. Mas, para o conjunto dos homens normais, atos definitivos não oferecem mais que a direção extrema das atitudes essenciais.” (Bataille 2014, p. 42)

afinal, “devemos de algum modo rechaçar aquilo que seria a ruína de nossas obras.” (Bataille 2014, p. 210) Com efeito, a existência descontínua só prevaleceu com a constituição dos interditos — sobretudo aqueles concernentes à vida sexual e à morte —, os quais visam coibir o caráter inexorável desta violência que nos constitui e põe em risco o que há em nós de humano. Com as interdições, consumou-se o distanciamento do “objeto perturbador”, ou das experiências em que o fascínio se amalgama com o pavor, e abriu-se uma nova destinação para a energia humana. A lógica do cálculo, a produção cumulativa e o mundo da linguagem moldaram a organização societária e postergaram a busca do gozo visceral em prol de vantagens ulteriores. Simultaneamente, as atividades ligadas ao trabalho e à constituição do universo da linguagem propiciaram uma motivação mais do que contundente para que fossem denegadas e afastadas as ameaças de desordenamento que emanam da interioridade humana. A intensidade do movimento vertiginoso que é constitutivo a nós e que nos transtorna se aplacou; as proibições socialmente forjadas descortinaram a possibilidade de um mundo ordenado racionalmente, constituído ele também por objetos distintos, passíveis de intervenção e transformação.

Em síntese, as instituições humanas — como o trabalho, a linguagem, o cálculo, a lógica dos meios e fins — cancelaram a nossa ruptura com a natureza e asseguraram as possibilidades de uma vida exitosa no que tange à contenção da violência que nos é intrínseca: “o homem, identificando-se com a ordenação que o trabalho operava, se separou nessas condições da violência, que atuava no sentido contrário.” (Bataille 2014, p. 69) A angústia daí proveniente açulou os homens, desde seus primórdios, a inventar os interditos, desviando-os assim do “movimento cego da vida” e enveredando pela construção de uma ordem inteligível e organizada. No limite, as interdições fundaram e viabilizaram um universo propriamente humano, com claro distanciamento entre sujeito e objeto. Isso não significa que os interditos se esgotem enquanto leis puramente racionais.<sup>5</sup> Bataille chama atenção para o fato de que as atitudes que desenham nossos contornos humanos assentam-se sobre uma violência primeira de resistência aos apelos da perda e do excesso. Dela emergem os interditos, sem os quais a consciência humana jamais se delinearía. Numa palavra, para que vingue o humano, impõe-se uma recusa violenta a esse redemoinho no qual a energia viva se dissipa e nos

---

5 Antes de se impor à lógica, as leis precisam se impor à sensibilidade, o que exige irracionalidade e violência: “De início, uma oposição calma à violência não teria bastado para separar claramente os dois mundos: se a própria oposição não tivesse, de certa maneira, participado da violência; se algum sentimento violento negativo não tivesse tornado a violência horrível para todos, a razão por si só não teria podido definir com suficiente autoridade os limites do deslizamento.” (Bataille 2014, p. 88)

fortalecemos contra nós mesmos: “sem o interdito, sem o primado do interdito, o homem não teria podido chegar à consciência clara e distinta [...]” (*Ibid.*, p. 61) Não há pois no pensamento deste autor nada que dote esses elementos social e historicamente construídos de conotação desprezível ou negativa: “que seríamos nós sem a linguagem? Ela fez de nós o que somos, só ela revela, no limite, o momento soberano em que não tem mais curso”. (*Ibid.*, p. 302)

Notadamente, o que nos livra não é isento de ambiguidades. O ethos da utilidade, ao tornar-se dominante e configurar de modo exclusivo o horizonte perseguido pelos homens e pelas sociedades, domestica a pulsação vital da existência, sua tendência à desordem, esmaece a nostalgia da situação em que a vida atinge seu ápice. Em consequência, somente com a experiência da transgressão dos elementos que nos fazem humanos — os interditos, as leis socialmente fixadas, o trabalho — reencontramos a vida que, no auge de seu frenesi, atende ao clamor subterrâneo e íntimo que permanece em nós. Sob esse registro, Bataille problematiza a permanente tensão entre o interdito e a transgressão. A sociedade exclui o interditado, mas também o sacraliza; e o interdito, à medida que revela o caminho para o ápice da vida, aguça em nós o desejo de transgressão, ainda que o faça desvelando simultaneamente o terreno da angústia e da morte implicado nessa aventura. Sob esse prisma, assevera o autor, as interdições não se constituem como uma imposição externa apenas, mas atuam enquanto urgências internas. Aspecto que vem à baila com a realização dos atos que as contraditam. Nos momentos em que as interdições deixam de ser objetivamente apreendidas e são vivenciadas, no ato mesmo que as desafia, desponta uma angústia reveladora de seu caráter interno. Ou seja, precisamente quando sentimos o peso e a pressão do interdito sem que deixemos de ceder ao impulso da ação que vai ultrapassá-lo é que nos tornamos devidamente cônscios de sua força. Nesse caso a proibição deixa de ser uma coisa, uma lei objetivada, e revela-se como um impedimento que nos é intrínseco. Essa é também a condição para que a transgressão possa consumir-se enquanto tal, visto que sem as forças que a ela se contrapõem, sua significação última não se configura. O desejo que impulsiona a transgressão é indissociável da angústia lancinante sobre a qual o interdito se ancora, e as experiências ardentes, que Bataille designa eróticas, implicam necessariamente uma mescla de prazer, pavor e angústia. Afinal, trata-se de uma experiência interior e paradoxal em que se vislumbra a dissolução dos contornos da consciência, sem que ela se apague por inteiro. Eis a tensão que explode no cerne das atitudes eróticas, ou dos atos que nos lançam numa experiência de continuidade. Elas se configuram como transgressões unicamente porque o interdito se mantém como se um acordo entre eles se firmasse, e é crucial que assim o seja, para que a significação transgressiva se delinee.

No limite, assevera Bataille, a vida social define-se pela conjunção entre ações transgressoras e as interdições; coexistência que a um só tempo evidencia que a violação do interdito não pode ser ilimitada — o que implicaria o império do caos — e obsta o retorno à pura violência, ao inumano. Desta forma, as leis impeditivas não são abaladas na sua legitimidade pelas ocorrências transgressivas; a consecução dos atos que ultrapassam a lei podem inclusive fortalecer a sua solidez, à medida que a sua perenização dificulta ainda mais a entrega ilimitada ao movimento de dissolução. Verifica-se, assim, uma complementação dinâmica, uma dependência recíproca entre forças opostas. A finalidade dos interditos é também a de serem violados, de modo que os limites são instituídos para que se operem as infrações.<sup>6</sup> Por conseguinte, não é apenas a condição humana que a lei proibitiva funda, considerando-se que ela é o pressuposto para o advento da consciência, é também a possibilidade da experiência erótica que não se configuraria na sua ausência. Interdito e transgressão são pois indissociáveis. A segunda não implica a supressão do primeiro, apenas sua efêmera suspensão: “o interdito e a transgressão respondem a estes dois movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão.” (Bataille 2014, p. 63)

Daí deriva que as transgressões exijam a presença de uma consciência que vivencia a tensão entre a coação dos impedimentos, que nos lembram o destino pavoroso que esse movimento em seu extremo operaria, e os apelos da superação da descontinuidade, que atualizam a sua sedução. Numa palavra, o cume visado pela transgressão só será atingido relativamente, uma vez que sua natureza última é a do impossível. Daí deriva que, enquanto experiência que vem ao encontro do que há de mais intenso em cada um de nós, o erotismo implica a cultura e a civilização. É a consideração última em relação aos parâmetros civilizacionais que impede a atitude soberana de ir às últimas consequências ou que mergulhemos num heroísmo cínico, o que produziria apenas uma versão ruínosa do erotismo, como Bataille não se furta a pontuar. Altberg: “é neste sentido que, através do interdito, os homens conservam, secretamente, inconscientemente, a nostalgia do gozo, quer dizer, da confusão com a continuidade perdida, [...] que só pode ser objeto de uma experiência limite.” (Altberg 2014, p. 50)

---

6 De acordo com Bataille, se o interdito está para o trabalho, a transgressão está para a festa. Enquanto a vida social ordinária visa unicamente a consumação necessária e os interesses da produção, a festa, em que pese não equivalha à transgressão dos interditos necessariamente, opera a inversão dos valores e instaura um tempo outro que não é o da produção. O desperdício enquanto imposição funda a natureza da festa e também da religião: “Não podemos afirmar categoricamente que a transgressão é, mais do que o interdito, o fundamento da religião. Mas a dilapidação funda a festa, e a festa é o ponto culminante da atividade religiosa. Acumular e gastar são as duas fases de que essa atividade se compõe: se partimos desse ponto de vista, a religião compõe um movimento de dança em que o recuo provoca um novo salto”. (Bataille 2014, p. 92)

Convém insistir: por mais vigoroso e bem sucedido que seja o esforço empenhado em afastar o fascínio da continuidade e o nosso desejo de perda numa felicidade exuberante, o espectro da violência ao qual podemos sempre sucumbir persiste, uma vez que seu chamado não silencia jamais. É também inequívoco que a invenção dos limites nos evade do horror ao abandono de nossa condição de seres descontínuos e nos afasta da dinâmica vertiginosa da natureza. Mas a subsunção ao mundo do trabalho, aos propósitos da conservação, às atitudes pautadas pelo cálculo dos meios e fins ao mesmo tempo em que cauciona a edificação do mundo humano afastando-nos do movimento excessivo da vida, tende a nos encerrar numa natureza reificada. O que nos salva de uma vida domesticada pela lógica utilitária e eficaz é o caminho aberto pela transgressão dos limites que estabelece um abismo entre as coisas e nós e garantem o prevailecimento de nossa humanidade mais visceral. Sob esse prisma, insiste Bataille, ainda que não percebamos, o movimento que excede os limites mantém sua rebeldia e seu caráter inexpugnável, visto que jamais será erradicado por completo: “No domínio de nossa vida, o excesso se manifesta na medida em que a violência prevalece sobre a razão.” (Bataille 2014, p. 65)

A rigor, há em nós essa unidade de contrários que se traduz em um complexo indivisível, para ficarmos nos termos do autor. Por um lado, fomos capazes de enveredar pela ordem humana ao dizer não ao apelo insano e intenso ante o qual não permanecemos incólumes — inventamos os interditos; por outro, a natureza nos brindou com essa tendência para participar da “fúria de destruição” que ela traz em seu âmago. A vida é excesso e prodigalidade e é nesses atributos que vislumbramos o ápice da felicidade, ou seja, no dispêndio excessivo em que o sujeito esgota suas forças e seus recursos gratuitamente, em que aniquila a si mesmo. Por essa razão, insiste Bataille, há um ponto extremo que nos mobiliza de modo pungente, que é pura angústia e que clama em nós por experiências em que a vida se encontra decididamente em risco. O texto é contundente: “Nossa única felicidade verdadeira é gastar em vão, como se uma chaga se abrisse em nós: queremos sempre estar seguros da inutilidade, por vezes do caráter ruinoso de nossa despesa.” (*Ibid.*, p. 197) O auge do desejo humano é uma angústia de morte, é anseio interior pelo abismo que só o homem consciente de sua morte e desejoso de perpetuidade antevê. Ceder por inteiro a esse apelo, já o sabemos, significa cancelar a ruína e a perdição, seja de nossas obras, seja de nosso eu. Não obstante, o filósofo não se furta a pontuar que nossa energia fica aquém desse querer, de sorte que nos momentos em que o perigo descortina o horror do aniquilamento, o desejo sofre um refluxo. Para alcançar o lugar em que a soberania prevalece sem impedimentos seria também necessário uma coragem que em geral não possuímos. Isso não anula o fato de que “o objeto que desejamos mais ardentemente é o mais

capaz de nos arrastar a loucas despesas e nos arruinar.” (Bataille 2014, p. 110)<sup>7</sup>

Evocando Michel Leiris, cuja influência sobre a obra de Bataille é determinante, o encontro com esse objeto constitui uma daquelas experiências em que “o homem tangencia o mundo e a si mesmo”. (Leiris 2001, p. 11) É por isso que certos acontecimentos, lugares, objetos, de caráter inequivocamente raros, parecem emanar uma espécie de dom, de sorte que ao entrarmos em relação com eles algo parece desvelar-se para nós, a saber, o que temos de mais profundamente íntimo, o abismo interior que nos é a um só tempo oculto e impenetrável. Leiris:

Dir-se-ia que tais lugares, acontecimentos, objetos, circunstâncias, têm o poder, por um brevíssimo instante, de trazer à superfície insipidamente uniforme em que habitualmente deslizamos mundo afora alguns dos elementos que pertencem com mais direito à nossa vida abissal, antes de deixar que retornem — acompanhando o ramo descendente da curva — à obscuridade lodacenta donde haviam emergido. (Leiris 2001, p. 12)

O autor chama atenção para esses momentos em que, num átimo, visto que são brevíssimos e jamais se prolongam, alcançamos uma espécie de paroxismo em que um sentimento de harmonia e identidade com o todo nos domina, insinuando uma experiência em que o eu e o mundo se equivalem. Situações como essas irrompem tanto nas atitudes eróticas quanto em certos tipos de espetáculos violentos; Leiris alude por exemplo à tragédia e a catarse por ela operada, enquanto acontecimentos que nos revelem alguma coisa.<sup>8</sup> Esse algo, à luz de Bataille, constitui o possível aniquilamento da linha axial — porém vulnerável — em que a humanidade se

7 Acrescenta o autor: “Diferentes indivíduos suportam de maneira desigual grandes perdas de energia ou de dinheiro — ou graves ameaças de morte. Na medida em que podem (é uma questão — quantitativa de força), os homens buscam as maiores perdas e os maiores perigos. Acreditamos facilmente no contrário, porque eles têm o mais das vezes pouca força. Se lhes calha a força, querem imediatamente se despende e se expor ao perigo. Quem tem força para tanto se entrega a contínuas despesas e se expõe excessivamente ao perigo.” (Bataille 2014, p. 110)

8 Michel Leiris tece esses comentários na introdução de seu texto sobre a tauromaquia, prática que, próxima da arte, viabilizaria esse tipo de experiência. No mundo moderno, no qual os homens tornam-se servos do utilitário e do funcional, subsumidos à lógica das engrenagens, experiências desse tipo, que constituem verdadeiras purgações, são escassas ou se apresentam destituídas de sua natureza vertiginosa. O resultado é que os homens tornam-se cada vez mais estranhos a eles mesmos: “Mas em nossos dias e em nossas civilizações não é mais possível encontrar escape confessável para tais impulsos subterrâneos senão de modo esporádico e fragmentário, ao sabor do acaso ou sob a forma edulcorada de criações artísticas que cessaram de deitar raízes profundas no entusiasmo coletivo. Daí o tédio, a impressão de vida castrada a tal ponto que, aos olhos de alguns, as conjunturas mais catastróficas podem parecer desejáveis, uma vez que ao menos teriam o poder de colocar em jogo a totalidade de nossa existência”. (Leiris 2001, p. 14)

edifica e se mantém; numa palavra, o além do descontínuo. Advém assim uma emoção que nos integra ao mundo, de sorte que a um só tempo mergulhamos no que há de mais intenso em nós mesmos e entrevemos um eu dilacerado por essas forças obscuras que pulsam em nossos subterrâneos anímicos. Como diz Leiris, em termos que não seriam estranhos a Bataille: “Opera-se desse modo uma purgação, apacando-se tais picos de febre sem que estes tenham que recorrer, para exteriorizar, seja a uma via explosiva, seja a um disfarce utilitário ou racional, e por isso mesmo funesto para qualquer possibilidade de justa ação prática ou reflexiva.” (Leiris 2001, p. 14)

Numa palavra, sonhamos o inconcebível.

### 3. A literatura ou a expressão do inconcebível

Ratifiquemos: o fascínio que nos incita à persecução das experiências ou dos objetos extremos não almeja a destruição em suas gradações máximas. Mesmo quando concentramos todo nosso empenho em viver experiências que nos lancem para além dos interditos, que nos brindem com a perspectiva da continuidade, como essas a que alude Leiris, de fato é no interior de nossos contornos de ser descontínuos que permanecemos. Bataille: “Queremos atingir o além sem dar o passo decisivo, mantendo-nos comportadamente aquém. Não podemos conceber nada, imaginar nada, senão nos limites de nossa vida, para além dos quais nos parece que tudo se apaga.” (Bataille 2014, p. 166) Assim norteados, substituímos amiúde a busca do ápice impossível ou o destino no qual sucumbiríamos inelutavelmente por uma experiência a ele correlata. Vivemos em diagonal, ou por analogia, a excitante angústia que acena mesmo longinquamente com o sacrifício de nossa existência. Um exemplo dessas vivências de segunda mão pode ser vislumbrado em determinadas formas literárias que constituem a predileção popular. Assim, em *O erotismo*, o autor alude à literatura que repercute mais facilmente no gosto do público leitor, as ficções policiais:

Esses livros são feitos comumente dos infortúnios de um herói e das ameaças que pairam sobre ele. Sem suas dificuldades, sem sua angústia, sua vida não teria nada que prendesse, que apaixonasse e que engajasse a vivê-la lendo suas aventuras. O caráter gratuito dos romances, o fato de que o leitor está de toda maneira ao abrigo do perigo impedem normalmente de ver isso com clareza, mas vivemos por procuração o que não temos a energia de viver nós mesmos. (Bataille 2014, p. 110)

Jogando com o clamor que habita nossas fantasias, acompanhamos as aventuras dos personagens que vivenciam a experiência da perda, que sucumbem ante o

perigo; compartilhamos com eles a angústia extrema, sem que ela ameace de fato o nosso ser. Ao enveredar por essas obras, defrontamo-nos imaginariamente com o sentido extremo do dispêndio e do anseio mais fundamental que nos rege, a saber, a angústia até a morte.<sup>9</sup> Entre a consumação do desejo e o horror do dilaceramento que o acompanha, optamos pela ilusão de vivê-lo obliquamente, sem ir às últimas consequências. E nisso não deixa de haver um certo deleite, afinal, permanecer no estado de desejo ante o objeto que acena com a perdição significa instalar-se no pulsar máximo da vida. Sublinha Bataille: “Como é doce permanecer longamente diante do objeto desse desejo, mantermo-nos em vida no desejo, em vez de morrer indo até o fim, cedendo ao excesso de violência do desejo.” (*Ibid.*, p. III)

Essa alusão à literatura enquanto experiência indireta da agonia que secretamente almejamos serve-nos de mote para que problematizemos o liame entre as reflexões do filósofo acerca do que há de mais essencial no homem e a criação artística numa mais larga amplitude.

A possibilidade de transgredir sem que se opere a subsunção ao aniquilamento total encontra seu viés mais fértil no trabalho da imaginação. Decerto, a existência da lei torna instigante os atos que a contraditam, uma vez que açula a excitação oriunda do desafio, o que finda por nuançar os aspectos das atitudes que se ligam ao horror da dissolução. Nesse caso, como antes mencionado, o interdito não se restringe a nos afastar do que ameaça a nossa integridade física e psíquica, mas também cumpre o papel de revestir de encantamento o fruto proibido. Nos termos do autor: “Derrubar uma barreira é por si só algo atraente; a ação proibida adquire um sentido que não tinha antes que um terror, que dela nos afasta, a cercasse de um halo de glória.” (Bataille 2014, p. 72) Ao incitar o ato transgressivo, as proibições trabalham inconscientemente em nós e incitam o movimento transgressor.<sup>10</sup> Notadamente, o que entra em ação com esse estímulo, como nota Altberg referindo-se à Bataille, é um pensamento inventivo que se abre ao real interdito. Viés que será explorado sobretudo pela imaginação artística, a qual, uma vez em ato, culminará com a simultânea conscientização desse processo e uma figuração do impensável por meio das formas inventadas. Opera-se, deste modo, uma espécie

---

9 Para Bataille, a experiência propiciada por essas literaturas é aparentada com o sacrifício religioso: “A literatura se situa de fato na esteira das religiões, de que é herdeira. O sacrifício é um romance, um conto, ilustrado de maneira sangrenta. Ou antes, é, em estado rudimentar, uma representação teatral, um drama reduzido ao episódio final, em que a vítima, animal ou humana, atua só, mas atua até a morte.” (Bataille 2014, p. III)

10 Pontua o comentador: “Ainda que Bataille seja muito elíptico e alusivo sobre esse ponto, é preciso compreender que o interdito engendra, por ele mesmo, um trabalho inicialmente inconsciente da imaginação que vai se esforçar para desvelar aquilo mesmo que é o interdito, como tal.” (Altberg 2014, p. 49)

de sublimação: “O interdito abre-se assim por si mesmo ao domínio ao qual conduzirá a transgressão, e isso na e pela imaginação. Bataille redescobre então à sua maneira, o que Freud nomeou de seu lado sublimação.” (Altberg 2014, p. 50) Nesse sentido, à criação artística cumpre desvelar, em imagens e formas, o sentido último do ser, a saber, a continuidade informe, heterogênea e irracional que fornece à imaginação as energias para engendrar suas obras. Estas, por seu turno, remetem à dimensão informe e originária da qual provêm. O comentador ainda uma vez: “Um tal desvelamento do mundo como intensidade incomensurável que se desdobra em pura perda é o sentido último da arte e da poesia.” (*Ibid.*, p. 56)

A criação artística, mobilizada por um pensar que ousa para além da razão, ao engendrar suas obras inesgotáveis e prodigiosas, tece, tal como as condutas eróticas, uma conexão com o impossível e enlaça-se com a transgressão. (*Ibid.* p. 56) É sob esse registro, afirma Bataille, que, ao descortinar a via para o interdito que constitui a seara privilegiada da religião e do sagrado, a arte mostra-se herdeira dessas esferas. As obras que dela resultam, enquanto realidades inesperadas, e à medida que apontam para essa dimensão soberana da existência, se constituem como realidades cuja destinação está voltada para a pura perda, cujo signo é o luxo, a despesa improdutiva, o sacrifício. A arte afasta-nos, pois, do universo regido pela lógica do acúmulo e da produção; ela nos insere no mundo que vem ao encontro da nossa ânsia de desordem e assim revela seu parentesco com as atitudes eróticas. Afinal, “queremos um mundo invertido, queremos o mundo do avesso. A verdade do erotismo é a traição.” (Bataille 2014, p. 197)

Nesse sentido, a arte em geral e a literatura mais especificamente vêm ao encontro da nossa impetuosa divisão interna. Nelas atualiza-se permanentemente este jogo de opostos que, de acordo com Bataille, nos constitui. Por um lado, o sonho de atingir os paroxismos da vida, de uma felicidade voluptuosa; por outro, a conotação de desgraça e perda que esse sonho adquire quando o olhamos sob o prisma de nossa humanidade organizada. Enfatiza o autor: “A arte — pelo menos algumas entre elas — incessantemente evoca diante de nós estas desordens, estes dilaceramentos e estas quedas que nossa atividade inteira tem por objetivo evitar.” (Bataille 1989, p. 58) A rigor, a criação artística nos remete às vertentes heterogêneas da vida que não encontram conciliação, a saber, a sensatez e as forças soberanas. Mais particularmente, o encanto que os textos literários exercem sobre nós deve-se ao fato de que por mais que nos instalemos na roupagem do homem cotidiano, o desejo de viver os excessos nos tiraniza. (Bataille 2008, p. 84) E não há como ser feliz, sem pisar o solo da aflição. Insiste o filósofo: “[...] é preciso dizer que a felicidade, considerada sem equívocos, decididamente incrementa a angústia.” (Bataille 1989, p. 87)

Certamente, o escritor e o leitor, ao embarcarem na aventura literária, seguem na direção inversa da desgraça, porquanto o sentido primordial desta empreitada, advoga o autor em *A felicidade, o erotismo e a literatura* (2008) é o prazer ou a felicidade. Paradoxalmente, porém, esse intento de ser feliz por intermédio da criação romanesca que nos aproxima da vida excessiva está fadado ao fracasso caso se atenha a descrever experiências de pura felicidade. Inversamente, o deleite que a literatura proporciona, adverte o filósofo, vem da conjunção dos opostos, ou seja, de uma prazer que aflora com a angústia e com a vontade de risco, das dificuldades expostas, dos impedimentos e das irregularidades que obstaculizam esse prazer. Certos escritores nos conduzem ao “acordo do homem com seu próprio dilaceramento.” (Bataille 1989, p. 80), “à dança que vai da vida à morte”, e nós os seguimos com uma inquietação excitante que nos remete à virulência do excesso e do dispêndio que até aqui procuramos sublinhar. Nesse viés, a embriaguez que a literatura enseja em graus variáveis, à medida que contradita e expurga o mundo racional dos cálculos, insinua o prenúncio da perdição: “a arte, o jogo e a transgressão encontram-se ligados num movimento único de negação dos princípios que presidem à regularidade do trabalho.” (Bataille 1979, p. 41)

No ensaio *É útil a literatura?*, Bataille sublinha a absoluta impossibilidade de conciliação entre o ato literário e as metas instrumentais ou as regulações do trabalho. Afinal, ela se situa do mesmo lado que a festa, o jogo, a transgressão, uma vez que “rechaça de maneira fundamental a utilidade. Não pode ser útil porque é a expressão do homem e o essencial do homem não é redutível à utilidade.” (Bataille 2008, p. 18)<sup>11</sup> Isso porque a criação romanesca — o lugar privilegiado da paixão, tal como o jogo, o aleatório, o perigo, pontua o autor — antagoniza com a organização eficaz das coisas naturalmente ajustadas aos intentos racionais; sua tônica é soberana, gratuita, e revela-se como uma “forma penetrante do mal”.<sup>12</sup> Próximo de Leiris, Bataille advoga: “Pensemos na tragédia, ela promove o terror e não a voluptuosidade;

---

11 Nessa mesma direção, em *A literatura e o Mal*, Bataille considera que a literatura ou a poesia engajada cede ao apelo utilitário e trai a sua condição; ela assim abandona a condição de ato soberano e adentra a minoridade: “A poesia pode verbalmente espezinhar sobre ordem estabelecida, mas ela não pode substituí-la. Quando o horror de uma liberdade impotente engaja virilmente o poeta na ação política, ele abandona a poesia.” (Bataille 1989, p. 41)

12 Bataille esclarece: “O mal [...] é apenas o princípio oposto de uma maneira irremediável à ordem natural que está nos limites da razão. A morte, sendo a condição da vida, o Mal, que se liga em sua essência à morte, é também, de uma maneira ambígua, um fundamento do ser. O ser não é consagrado ao mal, mas deve, se o pode, não se deixar encerrar nos limites da razão. Ele deve antes de tudo aceitar estes limites, é-lhe necessário reconhecer a necessidade do cálculo do interesse. Mas nos limites, na necessidade, que ele reconhece, ele deve saber que nele uma parte irredutível, uma parte soberana escapa.” (Bataille 1989, p. 27)

e se se trata da alegria da comédia, é uma alegria ambígua; rimos de uma queda, se não de uma desgraça. A arte da novela requer peripécias que provocam angústia e é usual dizer que a descrição da felicidade entedia.” (Bataille 1989, p. 84)

A vida socialmente organizada oculta e torna inacessível o fato de que a felicidade plena — *a afirmação da vida até na morte* — coincide com a sedução da destruição de si, com o momento extremo da vida. Mas ela não erradica nem anula essa verdade, apenas a mergulha numa noite escura. Sob esse ângulo, a literatura — ainda que nos permita viver a dissolução apenas por analogia — conota uma prática maldita e reveladora. Ao suscitar em nós uma inquietude estranha às condutas estáveis, ela açula a imaginação e traz à luz o que a vida domesticada visa conter.<sup>13</sup> Sob essa perspectiva, ela se revela antinômica aos fins que regem a vida organizada, avessa à lógica da conservação. Consoante o filósofo, tanto a poesia quanto a literatura têm o destino das atitudes eróticas, elas nos remetem à indistinção dos objetos, à morte, à continuidade. Enquanto produtoras de “formas inúteis, brilhantes e monstruosas que surgem e desaparecem inutilmente,” — no dizer de Roberto Sasso (1978, p. 166), elas nos inserem numa perspectiva que não é a da lógica ou a da razão. A literatura nada tem, pois, a ver com fins adequados ou compensações matemáticas, mas associa-se antes ao gasto e ao desperdício. O ato literário, seja na leitura ou na escrita, expressa o que há de mais essencial e irredutível na humanidade, o ser soberano que não se subsume ao cotidiano ou ao arrazoado dos cálculos, que se recusa à subserviência operacional. Antitética a essa lógica, ele se coaduna ao desejo humano de desmesura e manifesta o acordo fatídico entre a vida e a violência.

Desde que não renuncie à sua natureza genuína e não se torne meio para algum tipo de rentabilidade, confundindo-se com o mundo da ação no qual os atos se subordinam aos resultados, a criação literária herda das religiões o caráter sacrificial. Altberg: “O êxtase em que se misturam voluptuosidade e angústia — enquanto simples experiência limite — constitui assim, para o homem, a experiência ontológica fundamental, a prova suprema da contradição que está no fundo do ser.” (Altberg 2014, p. 61) Enquanto perda e desperdício antinômica à produtividade, próxima dos atos eróticos que mesclam voluptuosidade e angústia,

---

13 O autor aponta o desconcerto que sua posição provoca na mentalidade dominante: “Obviamente este ponto de vista não é comumente admitido. A felicidade sempre é confundida com o recurso que a fazem possível. É dizer que com esse nome designamos, confundidos, a aquisição e o gasto; e nossas representações variam segundo nossas disposições. [...] O raciocínio não pode senão ubicar a felicidade no plano da aquisição, substituindo o ardor por um modo de vida que o exclui. Porque o ardor anuncia o retorno da angústia. [...] A felicidade da razão se torna decididamente a negação da felicidade, já que a felicidade da embriaguez é o começo da desgraça.” (Bataille 1989, p. 187)

argumenta Bataille, a literatura pertence à parte maldita do homem; seu escopo é o momento soberano de um gasto que arruína. Em suma, enquanto feito resultante de dispêndio e de pleno desinteresse, a criação romanesca, como toda arte, remete ao nosso desejo subterrâneo de felicidade, confrontando-nos com a abertura para um outro real, para o ilimitado; tal como a perturbação erótica, os romances nos descortinam as vias da continuidade, do ser que o puramente inteligível jamais desvelaria. Bataille:

Fazer obra literária é voltar as costas à servidão, como a qualquer diminuição concebível, é falar a linguagem soberana, que vindo da parte soberana do homem, se dirige à humanidade soberana. Obscuramente (frequentemente até mesmo de uma maneira oblíqua, embaraçada de pretensões) o amante da literatura tem o sentido dessa verdade. (Bataille 1989, p. 170)

Sem dúvida o caráter discursivo da literatura, sua condição de produção de linguagem na qual os interditos adquirem forma, parece contrariar essa ideia. Enveredar por esse tema implicaria interrogar o caráter soberano que a linguagem dos romances e da poesia assume no pensamento de Bataille e o quanto ela ultrapassa não apenas a linguagem habitual, mas inclusive a filosofia que a ela se coaduna. Enfatizaremos por ora que a escrita literária, como postula o filósofo, desvia os símbolos linguísticos dos fins cumulativos, da produção, da organização. Em tensão consigo mesma, pois não deixa de ser obra de linguagem, seu compromisso é com a gratuidade da invenção, com o transtorno improdutivo do pensar.

À ciência e à filosofia, que se erigem do lado da razão, do trabalho, da linguagem instituída, dos conceitos e das identidades, interessa o humano que emerge no mundo organizado e instrumental, viabilizado pela instauração dos interditos, pela configuração das coisas distintas, pela separação entre sujeito e objeto, insiste Bataille. Particularmente, a filosofia, ao menos no que tange a certa tradição, põe-se no encalço de um real — ou de um ser — coincidente com a racionalidade humana, destituindo de legitimidade a existência de uma continuidade indistinta, heterogênea e primordial. Sua vertente é a da prudência, e a verdade por ela almejada advém com a disciplina, jamais com a experiência dos extremos.

Ao evadir-se de toda função e de todo servilismo, escapando à mecânica da produção e à lógica da conservação, a literatura, enquanto obra da imaginação, não apenas emerge de um todo originalmente contínuo que antecede o mundo organizado, mas o expressa. Como toda arte, como toda efusão erótica, ela inaugura um caminho de puro dispêndio, no qual o anseio pela vida em sua máxima intensidade encontra caminhos inexauríveis de expressão. Ainda que pela via da consciência, ela nos remete à dimensão soberana da vida. O que há de mais visceral

no coração do homem nela se revela e se põe em questão. No entanto, é preciso também frisar: essa verdade do ser em nós também se revela e também se põe em questão em uma filosofia heterodoxa, maldita e sempre inacabada — como a de Georges Bataille.<sup>14</sup>

## Bibliografia

ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'Envers de la philosophie*. Paris: Camion Blanc, 2014.

BATAILLE, G. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1957.

\_\_\_\_\_. *La felicidad, el erotismo y la literatura*, ensaios, 1944-1961. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lascaux ou la naissance de l'art*. Paris: Gallimard, 1979.

\_\_\_\_\_. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

\_\_\_\_\_. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *A parte maldita/A noção de Despesa*. Lisboa: Fim de Século, 2005.

\_\_\_\_\_. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BEAUVOIR, S. “Literatura e Metafísica”. In: *O existencialismo e a sabedoria das nações*, Lisboa: Minotauro, s/d.

LEIRIS, M. *Espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

---

14 O que seria, com efeito, uma filosofia maldita? Uma filosofia que vise a exuberância e a experiência dos extremos antes da construção disciplinada e sistemática? Um pensamento que se traduza em puro dispêndio, e mais silêncio do que explicito? Indagado a esse respeito, Bataille, assinalando sua desconfiança em relação à linguagem, bem como o caráter imprescindível desta, reconhece a dificuldade de que a construção filosófica se coadune ao que há de soberano no homem: “Esquecemos o mais das vezes que o jogo da filosofia é, como os outros jogos uma competição. [...] Nessa situação, a superioridade é atribuída, de acordo com os pontos de vista, a desenvolvimentos em diferentes sentidos. Do ponto de vista da filosofia professoral, é evidente que a superioridade pertence àquele que trabalha e se abstém o mais das vezes das possibilidades dadas na transgressão. Confesso-o, desconfio profundamente da superioridade contrária, atribuída ao negador, que se faz ingenuamente o porta-voz da preguiça e da pretensão. O limite está dado na evidente impossibilidade de corresponder de uma maneira satisfatória ao mesmo tempo nos dois sentidos.” (Bataille 2014, p. 286) De fato, não há preguiça na filosofia de Bataille. Mas os textos inacabados, o viés ensaístico, o recurso ao registro fotográfico, a incursão por campos múltiplos como a arte, a etnografia, a economia, a sociologia, na contramão de abordagem filosófica tradicional, não nos forneceria indícios de uma filosofia que em alguma medida procura afastar-se da competição sistemática? Nesse caso, para ficarmos numa imagem do autor, este pensamento estaria mais próximo de um canteiro de obras do que a uma casa bem construída e acabada. Em alguma medida, pois, torna-se legítimo sustentar que o autor nos legou um pensamento provisório, sempre inacabado e de algum modo também “maldito”, como a criação literária.

- MORAES, E. R. “Traços de Eros”. In: BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, pp. 305-316.
- NUNES, B. *Hermenêutica e poesia*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- QUIGNARD, P. *Le sexe et l'effroi*. Paris: Gallimard, 1996.
- SASSO, R. *George Bataille : le système du non-savoir*. Paris: Minuit, 1978.